

José Cândido Martins – *Para uma Leitura da Poesia Neoclássica e Pré-romântica*, Lisboa, Presença, 2000

Por razões que não são fáceis de perceber, a produção de manuais e de outros tipos de obras de apoio não é ainda uma prática consolidada no nosso país. Em geral, o mercado tem-se limitado a oferecer trabalhos demasiado básicos, dirigidos ao estudante apressado e quase sempre em áreas de sucesso garantido. Não é o caso desta obra de José Cândido Martins.

Embora o A. declare na Apresentação que se trata apenas de uma primeira introdução ao lirismo neoclássico e pré-romântico, feita a pensar sobretudo no leitor mais jovem, a verdade é que estamos perante uma proposta bem articulada e com informação actualizada, capaz portanto de fornecer a um público mais vasto uma boa panorâmica do setecentismo português e de o levar a repensar algumas das ideias feitas mais difundidas. Opondo-se aos que têm defendido que se trata «de uma poesia de bajulação e subserviência, inspirada em miudezas e bagatelas quotidianas, excessivamente satírica e maldizente, usando e abusando da mitologia clássica e do recurso a uma tópica e temática mais que estafadas» (p. 12) – o A. defende e procura demonstrar que «no meio de inumeráveis poetas e muitos volumes de versos, pode o leitor surpreender boa e moderna poesia: no lirismo menos convencional e mais autobiográfico, na poesia agradavelmente realista e até na escrita humorada e satírica, (...) veiculada por um português sedutoramente fluente, desempoadado e coloquial» (p. 14).

Começando por uma breve abordagem do contexto histórico-cultural e literário, Martins caracteriza os três movimentos que marcam o panorama português da época: Iluminismo, Neoclassicismo e Arcadismo. Os cinco capítulos seguintes são consagrados a outros tantos poetas que o A. considerou indispensáveis para uma

visão de conjunto do período em causa: Paulino António Cabral, Garção, Tolentino, Filinto Elísio e a Marquesa de Alorna. O modelo de abordagem de cada um dos autores seleccionados parece-nos feliz: fornece-se uma síntese biográfica e apresentam-se as principais linhas de força da obra, que são depois demonstradas por intermédio de um conjunto de textos ou de excertos. Cada poema é objecto de explicações lexicais e de um comentário temático-estilístico, em geral bastante detalhado. Segue-se uma chamada de atenção para influências que cada autor recebeu ou exerceu. No caso de Paulino, por exemplo, os autores convocados são, respectivamente, Camões e Alexandre O'Neill. Esta é talvez a parte do trabalho de José Cândido Marins menos convincente, dado que as sugestões que apresenta nem sempre são justificadas de forma satisfatória. Cada capítulo termina com uma proposta de leitura de outro conjunto de poemas e com uma bibliografia para leituras mais aprofundadas.

Depois dos cinco poetas considerados individualmente, há um capítulo em que o A. procede à apresentação – agora muito sucinta, mas também apoiada na transcrição e breve comentário de um ou dois textos – de 12 outros nomes do panorama literário da época: Caldas Barbosa, Francisco Joaquim Bingre, Cláudio Manuel da Costa, José Anastácio da Cunha, Santa-Rita Durão, Basílio da Gama, Gonzaga, José Agostinho de Macedo, João Xavier de Matos, Quita, Belchior Curvo Smedo e Cruz e Silva. Como se vê, trata-se de uma selecção equilibrada, que conjuga poetas bem conhecidos com outros que saíram há muito de circulação e que inclui cinco autores também reclamados pela literatura brasileira.

A parte final do volume é consagrada à doutrinação estético-literária. Adoptando um modelo semelhante ao que usou para o tratamento do lirismo, o A. procede a uma abordagem particularizada de quatro teorizadores: Verney, Cândido Lusitano, Garção e Filinto Elísio. Depois de sintetizar as principais ideias defendidas por cada um deles, José Cândido Martins apresenta e comenta um extracto de

um texto representativo. O capítulo encerra com uma sinopse das características da estética neoclássica e da sensibilidade pré-romântica.

No final da obra vem uma bibliografia que, sem ser exaustiva, reúne o que de mais importante pode interessar ao tipo de leitor em que se pensou. Compreende-se assim a ausência de estudos universitários de maior fôlego.

Em síntese, estamos perante um manual bem estruturado e de grande utilidade, que vem preencher uma lacuna séria no domínio dos estudos literários voltados para um público menos especializado.

*Francisco Topa**

* Publicado na *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas*, II Série, vol. XVII, Porto, Faculdade de Letras, 2000, pp. 473-474.